

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

ONDE ESTÁ IDALINA?

Nós e o Orfanato Christovam Colombo —
A imparcialidade da imprensa paulista.

De victoria em victoria, a despeito da má vontade contra nós por todos os modos manifestada pelos politicos e respectivo seque de sabujos e cães de fila, continuamos na luta contra a canalha encasulada no outro do Ypiranga; contra todos os que procuram acobertar-se com o manto da impunidade; contra todo o clero enfim, pois que todo elle é cúmplice desse drama negro de que resultou a morte da infeliz Idalina.

E não descansaremos e não recuamos os tramas que em nosso desfavor tecem sem treguas; assim como começamos, cheio de arrojo, assim chegaremos, num dia talvez proximo, ao termo da nossa campanha contra o Orfanato, a responsabilidade do padre Faustino e seus cúmplices pelo desapparecimento tragico daquella pobre orfaninha incautamente confiada aos seus cuidados, aos cuidados de uma cambada de satyros e mandrões, corruptores e exploradores do infortunio da infancia desvalida. Porque, não resta duvida, essa gente que por ali vive, não só no Orfanato sinistro como noutros estabelecimentos de sua egualha, alardeando uma caridade toda dedicada aos pequenos desamparados na terra, não passa, isso em geral, de uma corja de madraças vivendo á custa dos cofres publicos. A sua caridade é toda ficticia, como passamos a ver.

Subvenções pinguemente pelo Estado e pela municipalidade; isentos de impostos de toda especie; fazendo render o trabalho dos pequenos desgraçados sob sua guarda; auxiliados pelas beas apataçadas e nobres papalinos que por aqui proliferam mais do que cogumelos, (é preciso salientar que é de muito bom grado que essas especies caridosas dão ajudas aos orfanatos: precisam de quem lhes recolham os fructos clandestinos de seus desregramentos) e por ultimo com a rapinagem quotidiaamente feita nas algebras de precavidos dos fideis ingenuos — é dest'arte feita a caridade clerical, aqui como em toda a parte. Quem a vida regaladamente, amanhando thesouros para si e para o insaciavel Vaticano, enquanto maltratam, physica e moralmente, com o mau passado e com a moral venenosa que pregam, aquellos que lhes caem nas garras.

E contra gente dessa ordem, exploradores e tyrannos, que dedicamos o melhor do nosso esforço. Em recompensa, temos tido a perseguição constante e tenaz da cañia que a proteje; em contraposição, ao nosso esforço para a elucidação da verdade sobre o caso horrendo do Orfanato da morte, têm desviado os nossos passos, têm-nos acenado com o espantoso da cadeia.

E a prova temo-la nós com essa phantastica Itala Fonte, inventada para encobrir um crime e evitar uma punição; com a mystificação de Maria Magdalena; com o comicio de 12 de março do anno passado; com o pouco caso pelos depoimentos do sr. Domingos Stamato; com a recusa do padre Faustino á acaração com o menino Socrates; com os processos contra nós movidos pela policia, com o pretexto de ajustamento illicito, e pelos padres do Ypiranga, por crime de injurias impressas.

De toda essa trama de misérias tem-se patentado a verdade, a razão das nossas affirmativas. Vicente de Carvalho, em magistral sentença, firmado nos depoimentos do proprio pessoal do Orfanato, declara-se convencido de que Idalina não sahia daquella antro de crimes; a mystificação de Maria Magdalena, tã habi-

mente preparada e da qual os jornaes, por conta dos dinheiros clericas, fizeram tão grande alarido, esborrou-se deante da energia das nossas pesquisas, deante da nossa opposição a que o povo fosse embrulhado e a verdade conspirada; o grande comicio de 12 de março foi a manifestação irrefutavel da indignação do povo de S. Paulo pelos crimes do Ypiranga, foi a demonstração cabal de que o publico está comosco nesta campanha de saneamento; o jury de S. Paulo recusou, num gesto nobre, que se fizesse o ridiculo julgamento dessa imaginaria Maria Luiza; e finalmente o juiz da 1.ª vara criminal, dr. Adolpho Mello, julgou improcedente a denuncia contra este jornal apresentada pelos Faustino, Capelli & caterva, patrocinados pelo sequez bacharel Piedade.

Esta foi mais uma victoria da nossa campanha. Esta foi mais uma derrota dos bandidos e hypocritas que combatemos, que têm em seu favor os cofres publicos, os favores da policia, os agachamentos depravados de quasi toda a imprensa paulista, ao passo que nós temos somente ao nosso lado a verdade, a energia de combatentes, o publico que nos dá a sua força moral. Temos pois justificado orgulho ao consignarmos aqui, mais uma vez, esses triumphos da nossa causa, que são os triumphos da justiça e da verdade. Temos tambem justificada razão em consignarmos aqui a solenne manifestação do nosso desprezo para com essa imprensa venal que não teve a coragem de, ao menos, notificar a despropunção em nosso favor dada pelo juiz dr. Adolpho Mello, quando, temos certeza, se fossemos condemnados, toda ella, em gritos hysterics, viria aplaudir a victoria da justiça sobre os calumniadores dos veneraveis e innocentes ministros de Christo. A tal imprensa — a manifestação do nosso nojo.

MAIS UMA!

Mais uma victoria obtiveram os anti-clericas. Ha pouco mais de dois mezes, a decisão do jury, que proclamou não provada a existência de Maria Luiza e agora a sentença do juiz dr. Adolpho Mello absolvendo da infamante accusação de calumniadores os processos pelo virtuoso padre Faustino Consoli, director do Orfanato Colombo. Pobres clericas!

Desgraçados seres! O céu os abandonou ás iras de Satã. Parcos pilheria, mas não é. O deus terrivel e vingador, o traucento Jehovah divertiu-se ás vezes em pilheriar assim. Lembrem-se da tentação do paciente Job. E agora que fazer? Desanimados se calam os clericas. A "União", órgão do clericalismo, ha muito tempo não se refere ao caso Idalina.

Tem occultado aos seus innumeros leitores os successivos desastres de seus amigos no mysterioso evento. Si não nos enganamos, a ultima vez que se referiu ao caso Idalina, foi por occasião da torpe comedia de Maria Magdalena. (A proposito: dr. Pinheiro e Prado, que foram os autores da repugnante farsa? Porque não procura, cumprido o seu dever, descobrir os autores cynicos do nojoeto entremez? A justiça virá afinal a intervir nesse caso, e padre Consoli será chamado a prestar contas da creancinha, que lhe foi confiada e que desapareceu mysteriosamente.

E' esta a nossa firme esperança. Rio, 14 — 4 — 1912.

Eduardo Vital.

Os crimes da Inquisição



O TORMENTO DA ASPA

A procissão de Chamusca

Noticiaram os jornaes do dia 14 do corrente mez que chegaram a Lisboa os individuos presos em Chamusca por occasião do grande conflicto ali havido na Semana Santa, quando passava em frente á sede do Centro Republicano a procissão do Senhor da Canna Verde.

Tambem era esperado na mesma data o secretario particular do patriarcha de Lisboa, preso quando pretendia passar a fronteira, em Elvas, afim de confabular com os realistas.

Estão, não ha mais duvida possivel, com o diabo no corpo os compatriotas de Viriato, o famoso chefe lusitano que tanto que fazer deu ao romano invasor por occasião da conquista da Iberia.

Agora é da Chamusca que nos veio a noticia de um grande conflicto por causa do Senhor da Canna Verde e o que parece mais grave é que o facto teve lugar durante a Semana Santa.

Dizem que quando passava a procissão do dito Senhor por diante do Centro houve troca de injurias e assuadas entre crentes e descrentes e que do bate-bocca passou-se a outros argumentos mais convincentes, fechando então o tempo de tal forma que coisa igual nunca fôra visto em Chamusca nem em outro lugar. A caninha verde foi puxada com tamanha sustancia, dizem, e de tal maneira que muitos dos que nella tomaram parte, de um lado e de outro, viraram o olho de uma vez para sempre, ficando muitos, tambem para sempre, impossibilitados de poder dar uma boa umbigada na cachopa sacudida e facila, porque hoje estão com a machina desconjuntada e impossibilitada de funcionar como dantes.

Ao que parece, a imagem do santo, os andores, o palio, as tochas, os turybulos, as cruzes

alçadas, as ópas e as batinas ficaram num estado lastimavel depois do tiroteio, sem contar os mortos de parte a parte e os feridos, que são muitos.

Parece que ainda hoje Chamusca fide a chamusca. Nunca se vio ali coisa igual!

E, assim, vai tudo de mal a peor em Portugal.

Em Elvas, quando o secretario particular do Patriarcha de Lisboa queria passar para a terra de Afonso XIII, é agarrado a unha e trazido para a capital da Republica. O homem lá tratar com a gente do Conselho das ultimas medidas a tomar a respeito da invasão e tambem da descoberta de bombas de dynamite de que se estão servindo os republicanos, os quaes aprenderam com os frades, que nisto são eximios artifices, como ficou provado á evidencia por occasião da devassa feita nos conventos de Lisboa e outros.

Felizmente tudo isto terá fim brevemente. Quem o diz é o Ogenio do Curreo e o Tanislaio, do Journal. A expedição que o Paiva e o Christo daqui conduzirão esmagará a Republica carbonaria, muito mais depressa do que os italianos ainda não puderam fazer, embora digam o contrario, com os turcos e arabes mahometanos.

Temos coisa melhor ainda, mais categorica. São os comunicados de além tumulo por intermedio do Fumando que no-lo affirmam.

Não leram o ultimo de domingo passado do A. Herculanio? Ah! como elle arranja os atheus!

Letam. De burros faz-lhes a festa... E diz que eu estava convencido de descender do macaco! Lamarck, Darwin, Haeckel, vocês são umas grandes bestas!

Adrenal. Rio, 7 — 4 — 912.

ASSIGNAI! ASSIGNAI! A LANTERNA

HOSTIAS AMARGAS

A religião é necessaria ao Brasil.

Os discipulos de Jesus Christo e os deversos do Brasil.

(Thema da 10.ª e ultima conferencias quaresmaes de S. Sebastião Leme, bispo coadjutor do Rio de Janeiro).

O catholicismo é necessario ao Brasil — bradou do pulpito da cathedra archi-diocesana do Rio de Janeiro, dr. Sebastião Leme.

O bispo de Orthosia não está ainda satisfeito com a situação privilegiada que goza a Religião Catholica no nosso paiz e contra as disposições taxativas da Constituição Federal.

Já ouvimos de mais de um padre estrangeiro que o Brasil é o paiz de Abraham o elemento clerical.

De facto, quem na nossa terra goza tantas immuniidades e prerogativas como os ministros catholicos?

A Republica não deve tomar conhecimento official de culto algum. Entretanto, os padres são isentos dos impostos de industria e profissão, são dispensados do serviço do jury, ou, em caso de que todos os seculares são sobre carregados e, ainda mais, quando commettem um crime qualquer, por mais monstruoso e revoltante que seja, os poderes publicos são os primeiros a tudo fazerem para que o crime não transpareça e para que o criminoso fique acobertado sob a má absoluta impunidade.

Não é isso a pura expressão da verdade, não estas promptas a dar testemunho do que affirmamos, augostos e dignissimos senhores padres-mestres do Orfanato Christovam Colombo?

Quê, em que paiz do mundo ficareis tão a vontade, como vos encontrais aqui em S. Paulo, após haver feito desaparecer uma desditosa orfaninha confiada aos vossos cuidados?

No Brasil, ninguém o ignora, a Republica está em poder do clero,

a cujas plantas vive subserviente o poder civil.
Cada bispo é uma verdadeira potencia politica na sua diocese, onde só não faz aquillo que não quer, que não lhe apraz.

CAUTERIOS

LXIII
O que hoje vou dizer neste cauterio, Aos meus caros leitores, É uma historia que ouvi dum homem sério, Numa roda conspiciua de doutores.

Eu vou conta la pois aqui Tal qual como eu a ouvi:

Certa vez, não sei onde Nem sei o dia precisar, Levando a extrema unção para um visconde, Que pretendia as pernas espinhar, Sahiu um bispo e a sua comitiva, Cooegos, padres, sacristaes, enfim, A gente que anda só na expectativa, Ou dum procissão ou dum festim.

Quando o imponente prestio seguiu, Com as regas todas da etiqueta, Entoando uma nenia, Surge, talvez mandado do capeta, Um formidavel, tragico elephante Que, das mãos do sacerdote, Arrestato com a tromba extravagante O sacratio onde Deus era levado Para o visconde agonizante!

E o medonho animal, Ante o espanto geral, A tromba formidavel esticando, Pôs dos fideis á vista A gloriosa conquista, Como se os estivesse abençoando, Como se fosse um padre correctissimo Dando aos crentes a benção do Santissimo.

Em seguida o sacratio devesou, Ou melhor... commungou.

Não se pôde dizer com exccidido O pavor, a mixórdia, a confusão Deusa hora fatal, Houve abortos, desmaios, fânquitos, Imprecações e gritos, «Isso é o Juizo Final!» Chegou mesmo a dizer, Tremendo e a se benzer, Uma beata estúpida e boqui.

Logo que foi o panico applicado, Reuniram em conselho a padris, Para tratar do caso complicado Que a sagrada, a immortal Theologia Não deixara explicado.

E discutiu-se acaloradamente E terminaram por deliberar, Porque o caso era urgente, E se não podiam o paiz consultar, Que fosse o Deus, logo, naquelle instante, Secado da barriga do elephante.

Não podia o Deus-vivo No ventre do animal ficar captivo, Como se fosse torça ou sarabulho, E a sacrosanctar: o nobre nobre Nô podia sair aqui do mundo, Só, sem Deus no bandido...

Como fazer porém o operatio De tanta gravidade? O pachyderme era propriedade Dum judeu, dum pagão, Que, com toda a certeza, Esquiritra uma indempnização, Se nessa extranha empresa Perdesse o seu Empio.

Logo uma idéa, uma estupenda idéa, Acudiu á cabeça um sacrista: Fazer com que o elephante, — Oh coisa nunca vista! — Por meio dum purgatorio Expelisse o sacratio a mais a sobre...

«Sacratio maior esta seria, Diz um padre pangulo e veneravel, Deus assim, dessa forma, ficaria Tudo immundo, imprimeavel...»

O cura então lembrou rapidamente Que se fizesse o elephante astreito Expellir pela bocca, pela frente, O que havia comido.

E mesmo ali, no meio do caminho, Alguem trouxe um caudo Que introduziu, no heretico trombadou, Atraz, no logarzinho

Donde o Christo devia desparar, Felicidade e desfeito, Como uma portaria bem vulgar, Se o aliviar do sacrista fosse accetio.

E depois os fideis, com frenesi, Alternativamente, Foram soprando ali, Deus tinha que sair pois, pela frente, Ou o ventre do elephante explodia. O pachyderme inchou, inchou, inchou, Mas o raio do Christo não sahia! Logo uma falta grave algum notou: O bispo não havia inda soprado...

Fosse o vacuo no redor, E solenne chegasse o tal prestio, Para dar o seu sopra redemptor...

Quando ao cando o bispo já soprava, Atrahiu um sacristão, Com selo bem christão: «Vossa Eminencia, Deus aggrava, Pondo a bocca onde a pos o poro rudo, Os peccadores vis, taes como eu sou...»

E se prelado virou A ponta do caudo...

Beato da Silva

No Rio de Janeiro é chefe de partido, e do maior prestígio, o cardeal Arcoverde, cuja audácia vai tão longe que, quando se reorganizou a Faculdade de Medicina da capital, procurou excluir do seu corpo docente um cientista do mais alto valor em benefício de uma nulidade que, aos seus olhos, tem o grande merecimento de ser *raizana de sa cristã*.

Nas freguesias do interior, os vigários e os mascates da religião, conhecidos por missionários, são mais obedientes e acatados que os representantes do poder civil.

Que mais quer d. Sebastião Leme? Ah! Quer que retrocedamos ainda?

Quer que sejam riscados do nosso código fundamental os princípios liberais que synthetizam os Direitos do Homem?

Quer que sejam revogados os institutos da liberdade de cultos, da separação da Igreja do Estado, da secularização do ensino, do casamento civil e da abolição dos títulos de nobreza?

Ah! Nesse ponto, o bispo confessorista está redondamente enganado.

Dê-lhe ver a *Lanterna* sair a lume, inevitavelmente, aos sabados, proflagando com a máxima energia os abusos do clero católico?

Pesa-lhe no coração observar que dos prelos nacionais saem quotidianamente obras científicas e literárias, sem o — imprudência da autoridade diocesana?

Repugna-lhe saber que livres-pensadores intrepidos, como Edgard Leuenroth, Orestes Kistler e muitos outros fazem propaganda em favor do ateísmo e contra o clericalismo, sem que as leis facultem às autoridades encerrá-los em masmorras tetricas e infectas, e sem que possam ser submetidos aos tratos da *mauerbau* e da póli?

Revolta-o o espectáculo que, finalmente, oferecem algumas famílias emancipadas, em cujo seio não encontra meio algum de penetrar esse animal daninho e imundo que é o padre?

Sonha o bispo de Orthosa para o Brasil uma época, na qual o presidente da República seria escolhido ou designado pelo Papa, por intermédio do nuncio apostólico, devendo esse presidente encetar o Soberano Pontífice como seu chefe hierárquico e a ele dirigir-se nos termos humildes e avilantes, em que a Pio IX o fazia Garcia Moreno, ex-presidente do Equador, de excedente memória, e de quem, em boa hora, soube a sua patria se libertar?

Repetimo-lo: d. Sebastião Leme está completamente illudido.

Se acredita que os padres, abusando da pusillanidade, da cobardia dos nossos políticos, possam vir, um dia, a violar o sacramento, sendo verdadeiro, e não mero virtual, das nossas liberdades, fique sabendo que nós os livres-pensadores estamos dispostos a defender a consciencia do país, ainda com o nosso sangue, ainda á custa da nossa vida.

Se julga possível que a theocracia venha a ter existencia legal entre nós, o bispo de Orthosa labora em erro, porque em materia de liberalismo, ao menos em theoria, um país não retrocede jamais, na era actual, pois se o obscurantismo teve os seus martyres no passado, a causa do progresso também os tem tido no presente e tê-los-á no futuro, se isso for imprescindível para o seu triumpho.

A Religião Catholica quer imperar no templo da Justiça, no templo da Instrução, nos lares e nas consciencias individuais?

Pois ella que se contente com as prerogativas que desfructa illegalmente na hora presente.

E que aproveite enquanto *Brasil é theocroto*, isto é, enquanto o Brasil está sendo dominado por metaphysicos eivados de preconceitos theologicos e sociaes, por homens vindos do antigo regime, do qual trouxeram todos os prejuizos de castas e de religião.

Compreenda, porém, d. Sebastião Leme, que esse estado de coisas não perdurará eternamente. Dias virão em que a direcção do país cabrá nas mãos dos verdadeiros republicanos.

Então, a Republica será uma realidade. Então, o clericalismo será reduzido ás suas exactas proporções e ficará aniquilado ou reduzido á mais inteira impotencia.

Então, advirá a exaltação do proletariado, a quem todos dissemos que, pensando o maximo carinho, considerando a verdadeira columna sobre a qual se assenta a vida nacional.

Então, o cidadão não valerá pelo que possui, porém pelo que produz, pelo que pesa como factor social.

Então, as classes parasitarias, como as des ecclesiasticas em geral, terão de procurar a sua subsistencia não engolando phrases insignificativas em latin barbaro, porém entregando-se a trabalhos de real utilidade para a comunidade, conforme já entreviu o cardeal Mathieu, que, em carta dirigida ao Papa, pediu ao mesmo autorização para que os padres possam exercer tódas as profissões honestas, em vez de serem obrigados a viver tão sómente... dos pés de altar.

...

Acompanhamos d. Sebastião Leme na série de conferencias, que fez na Cathedral do Rio de Janeiro, com intuito de demonstrar que o Brasil, para a sua felicidade, deve ultramontanzar-se.

Provado deixamos que o bispo confessorista apenas vomitava da tribuna, *suit dianti* sacra, um acervo de despautes e de calinadas, indignas de um auditorio culto, como o do Rio de Janeiro.

Mas todos sabem onde é que elle quer chegar. Era-lhe o intento occulto estabelecer que esta terra, se quizer ser feliz, deve entregar-se, de corpo e alma, ao clero, cujas virtudes, cujas nobres qualidades bastam para encaminhar a aos altos destinos que lhe estão reservados.

Cederá o povo brasileiro á junção de d. Sebastião Leme?

Dúvidamos muito. Nesta terra não está ainda completamente asphyxiado o sentimento da dignidade, para que todos, todos indistinctamente renunciem a sua honra e a honra das suas familias, em favor dos padres.

O clero já attingiu entre nós o acume do favoritismo.

D'ora avante, só se deve esperar que o seu poderio entre em declínio, visto como tudo tende á perfeição e o povo não ha de querer ficar eternamente sujeito a essa horda de vis exploradores.

D. Sebastião Leme com as suas conferencias, perdeu o seu tempo e o seu latin. Não colli-mo o seu objectivo, que era dissimular as incompatibilidades existentes entre o catholicismo e as modernas aspirações da Humanidade.

Mas não terá mesmo lucrado coisa alguma o bispo de Orthosa, de todo o esforço que despendeu?

Sim: apenas as beijoas que as mocinhas romanticas e com fumaças de aristocracia lhe depositaram na maldizinha papuda de prelado, depois dos sermões, e orologios que aos seus dotes de orador de sociedade literaria de alumnos gymnasias fizeram alguns burguezes, que se deram ao trabalho de ir... bocejar, durante as suas arengas.

E arrua-lhe isso, ao menos, de consolo.

E como, ad instar do que acontece com todos os livres-pensadores, somos incapazes de manter contra quem quer seja um sentimento de ordem inferior, nossos votos são para que, no anno proximo, possa o bispo de Orthosa fazer nova série de conferencias quaesmaes na cathedra carica, e para que, também, nos seja dado desfaze-las como bolhas de sabão, qual agora acaba de acontecer.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...



Manuel Moscoso

«Espero ter occasião de dar-te explicações e de contar-te esta historia — porque é uma longa e complicada historia que, aliás, não terminou, embora não demorará muitos dias, espero, em ter o desfecho». Assim falava o desventurado Moscoso na carta em que, após um prolongado silencio, dava noticias da sua pessoa aos velhos amigos que, cheios de admiração pela sua invejável energia mais inquietados pela sua preciosa liberdade perillante, daqui seguem a corajosa luta em que se encontrava empenhado em favor do nosso Ideal na terra em que se paga até com a vida a ousadia de propagar princípios contrarios á pustulenta moral já dominante.

«...e espero encontrar-me contigo», dizia-me ainda elle, enchendo-me de satisfação pela esperança de tornar a gosar do convívio do estimado amigo e valioso camarada.

E usa após outros, iam chegando os vapores do Prata sem que o Manuel viesse.

Já um mez havia transcorrido quando, certo dia, retirando a correspondência da caixa postal, caí-me de mãos uma carta com um subscrito bem nosso conhecido, junthino, feito a um lado do envelope.

Era delle. Abrimo-lo, ali mesmo, com o interesse de sempre.

E, cheio de uma consternação que a minha penna não é capaz de transmitir ao papel, os meus olhos devoraram com ansia imensa este terrível primeiro periodo da carta:

«Quando receberes esta carta eu terei deixado de existir. E' o final da historia que te annunciava que ainda não havia terminado».

Não conclui. Corri até á redacção e, como que procurando vencer-me de que me havia enganado, reli por varias vezes a carta tragica.

Como, o Moscoso annunciava a sua morte?

Impossível!

Ha verdades que nos custa aceitar. A noticia da morte do bom Moscoso está no numero dellas.

Só quem já alimentou uma amizade sincera e profunda poderá avaliar a grande dor, a um sentimento magua que de mim se apoderou ao saber do fallecimento do inesquecível amigo de quem me occupo. E quando a amizade é provocada e seguida da mais intensa harmonia de ideias, de uma completa comunidade de principios, pelos quaes se tenha lutado juntos e juntos soffrido os aborrecimentos da luta, assim como as alegrias da victoria, quando se é assim amigo, na inteira acceção da palavra, uma tal noticia é terrível!

O Moscoso morreu, desappareceu para sempre! E estavam ali a confirmar-me todas aquellas cartas por elle mesmo escriptas, dias e horas antes do momento fatal, com a mesma calligraphia de sempre, as quaes elle me encarregara de remetter para a dedicada velhinha que lá, em Portugal, esperava ansiosa pelo seu idolatrado Manuel, para as suas queridas irmas, e para o bom Neno, seu cunhado, e para seus amigos.

De ninguém se esqueceu elle. A todos deixou uma recordação. «Sinto-me satisfeito commigo mesmo por ter tomado esta resolução, que levei a cabo com calma e serenidade».

E lá se foi elle para a «viagem de onde se não volta mais», segundo a sua propria expressão.

O nosso excellente camarada deixou historizada em suas cartas, entre as quaes uma de vinte e tantas laudas, escriptas com a sua habitual ponderação, a tragedia, a triste tragedia que cortou o fio da sua joven existencia de lutador perthoz.

Como apreciar tal facto? Quem será capaz de o fazer?

Seria necessario penetrar nos sentimentos todos que o determinaram. Era preciso ser o proprio Moscoso.

Manuel Moscoso era um espirito vigoroso, sereno, ponderado, aberto a todas as grandes aspirações que tomam os homens em verdadeiros gigantes. Amava a vida e para conseguir a possibilidade della ser gosada em toda a sua plenitude, intensamente, lutava pelo advento de uma nova organisação social, baseada na igualdade economica, no accordo mutuo, na solidariedade.

Nada o conseguiu esmorecer. Nem as perdas de que está cheia a vida do lutador, nem as perseguições dos tyrannos o arredavam da luta.

Era um forte, um destemido que nunca recuou ante perigo algum.

E, no entanto, um facto imprevisível veio acabar-lhe tragicamente a vida ainda em flor!

Os sentimentos humanos têm ainda desfechos incognitos.

...

Para uma parte dos leitores da *Lanterna* o nome de Manuel Moscoso talvez seja desconhecido; o mesmo não acontece, porém, no seio da classe operaria e de todos aquellos que neste paiz se dedicam á propaganda dos ideaes de fundo social.

Nesse campo era elle bastante conhecido, gosando de grande consideração e estima.

Era ainda quasi menino quando se fez um ardente partidario do ideal libertario e, desde então, jámais abandonou o campo da luta, interessando-se e trabalhando por todas as iniciativas de propaganda.

No *Amigo do Povo*, o primeiro periodico libertario que aqui se publicou durante algum tempo com regularidade, foi elle o braço forte de Neno Vasco, com quem também sustentou a *Aurora*, revista de propaganda do mesmo ideal.

A *Terra livre*, o sympathico periodico fundado e dirigido por Neno Vasco, teve nelle um dos seus melhores estaios.

Neste jornal, como anteriormente no *Amigo do Povo* e depois no semanario *Novo Mundo*, que appareceu no Rio, a sua collaboração era sempre apreciada.

Quando no Rio appareceu a *Voz do Trabalhador*, o orgão da Confederação Operaria Brasileira, foi elle quem a redigiu por muito tempo, orientando-a com o firme criterio dos seguros conhecimentos da luta associativa.

Ainda no Rio publicou um mimoso periodico libertario. Chamava-se *Liberdade*. Por esse pequenino jornal podia-se conhecer bem o espirito criterioso e methodico do Moscoso.

Com um esmero admiravel, elle mesmo compunha o que havia escripto e depois expedia.

Quando aqui publicou diariamente a *Folha do Povo*, foi elle um seu collaborador quasi que quotidiano.

A *Luta Proletaria*, a *Lanterna*, a *Bataglia*, de S. Paulo, a *Luta*, de Porto Alegre, e a *Aurora*, do Rio, também publicaram collaboração sua.

Collaborou ainda em outros jornaes de cujos titulos não me lembro no momento, usando, ás vezes, os pseudonymos de Ivan e Palmito Leal.

No movimento operario a sua obra foi activa e fecunda.

Em S. Paulo fez parte da União dos Trabalhadores Graphicos e foi membro activo da Federação Operaria.

Justamente ha seis annos, quando no Rio se realizou o 1.º Congresso Operario Brasileiro, foi elle um das suas figuras de destaque.

No Rio fez parte da C. O. Brasileira e da Federação Operaria, tomando parte saliente em todas as iniciativas ali levadas a effecto durante a sua estadia naquella capital, onde também publicou um bem organizado numero unico por occasião do assassinato de Ferrer.

Do Comité pro-Escola Moderna que na mesma cidade existiu, foi secretario por algum tempo.

Com o relativamente curto espaço de tempo de sua permanencia no Rio, chegou a conquistar uma forte corrente de sympathias, mesmo no meio literario.

Ha um anno mais ou menos deixou aquella capital, partindo para Porto Alegre, onde esteve uns dois mezes sempre na brecha. Dali seguiu para Buenos Aires. Foi na capital argentina onde Manuel Moscoso fechou o ciclo glorioso de sua vida de lutador indomavel, após mais de meio anno de um batalhar insano em prol do sublime ideal que ha de um dia tornar a humanidade grande e feliz.

Os leitores da *Lanterna* são conhecedores, pelo que terão lido em outros jornaes e também pelas nossas informações, da tyrannia inominavel que pesa como uma capa de chumbo sobre o povo pensante da republica do Prata.

Naquelle paiz o direito de associação não existe, como não existe o de reunião; a propaganda de principios só é permitida aos que defendem a corja corrupta e ladra lá dominante.

Na terra onde dominam Rosas deportados para a Terra do Fogo, espulhados para o estrangeiro pobres trabalhadores que deixam os seus no abandono, assaltam-se e encerram-se as associações, violando as mulheres que encontram; as livrarias são incendiadas, tendo igual sorte dos jornaes de ideias novas. E assassinam-se o povo em massa na praça publica quando protesta contra essas infamias.

Não sendo permitida a divulgação da imprensa libertaria, pagam 600 annos e annos de deportação na mortifera Terra do Fogo todos aquellos que tiveram a ousadia de apresentar um jornal dessa indole.

Pois Manuel Moscoso desafiou todos esses perigos, atirando á rua, aos milhares, semanalmente, duplote seis mezes, o jornal que sendo a representação mais viva da propaganda libertaria, concentrou contra si a furia hydropica da cansada da governança argentina. Esse jornal glorioso é *La Protesta*.

Durante seis mezes consecutivos o jornal fantasma surgiu por toda a parte a prigar a revindicta social. De onde vinha elle? quem o fazia? quem era esse desconhecido Ivan que ninguém encontrava?

A policia só conseguiu conhecer o Moscoso quando o foi encontrar prostrado sem vida.

A sua preocupação era fazer obra proveitosa e por isso não se deu a conhecer, escolhendo cuidadosamente as suas relações. Elle fazia quasi que todo o trabalho: escrevia, organizava os pacotes e distribuia o jornal.

Essa obra grandiosa elle só abandonou dias antes da sua morte.

E enquanto por ali além vivia tanto estorço a empestar ambiente, perdesse uma vida desja quando ella ainda desabrochava!

Dura realidade! O bom Ivan lá se foi para sempre, para a viagem de onde se não volta mais!

E nós aqui ficamos a continuar a sua obra, em marcha forçada para a conquista do Ideal, como a caravana no deserto em busca do oasis sublime onde desabrocha a flor rubra da Liberdade.

Edgard Leuenroth.

...

Vou reunir em livro os trabalhos de Manuel Moscoso. Será uma homenagem prestada ao bom amigo e ao mesmo tempo uma excellente obra de propaganda.

E como não conto com os recursos necessarios, abrirei uma subscrição entre aquellas que foram seus amigos e que receberam depois o numero de exemplares correspondentes á sua contribuição.

Escrevam-me os que estiverem de accordo com esta iniciativa.

E. L.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

A "Lanterna" em Pelotas

Uma associação operaria entrega a sua escola a um padre!

A *Voz da Estiva*, um excellento periodico que se publica na cidade de Rio Grande, o Estado do B. G. do Sul, publicou em um de seus ultimos numeros um acertado artigo estigmatizando com lourel energia a conducta inconsciente ou malevolos dos orientadores da Liga Operaria de Pelotas, que entregou a direcção da sua escola a um padre jesuita.

Do criterioso artigo do brilhante collega reproduzimos os seguintes trechos, por serem os que mais directamente se referem ao caso:

«Venho isto a propósito da uma noticia que ha dias publicou a *Opinião Publica* de Pelotas, dizendo que TINHA SIDO CONTRACTADO PARA DIRIGIR AS AULAS DA LIGA OPERARIA DAQUELLA CIDADE O PADRE GERMARDO RIBON I I I.

Srá crível? Uma associação que tem por dever educar os filhos dos trabalhadores na mais absoluta liberdade, inculcando-lhes no espirito os sãos principios da moral natural, libertando-os de todos os preconceitos estupidos das religiões, escravizadoras e assassinas da dignidade humana, do pensamento livre, da verdade bemfida da Natureza; uma associação fundada com o fim de preparar as classes trabalhadoras para as lutas da emancipação politica e religiosa, para os sãos principios da liberdade, entregue nas mãos de uma administração reaccionaria e de um padre jesuita, hypercal, mefistoso e vaidoso!

Imaginem os leitores que esse padre disse ter prestado serviços de instrução á Federação Operaria de Porto Alegre, quando aquelle centro é consensual adversario dos elementos reaccionarios e ha todá a guerra possível ás religiões!... Comque por exercer o seu misticismo, a jesuita, mentando vilmente querendo fazer crer que o acto degradante da Liga Operaria, chamado o padre dirigir as suas aulas, fóra imitado pelos port. alogreenses, Villão!

Fazendo nossas as palavras cheias de justa indignação da *Voz da Estiva*, fazemos um apello aos operarios conscientes de Pelotas para que empreguem todos os esforços no sentido de alijarem da Liga Operaria o nojento core que alve preceito para semear a mentira, o preconceito, a immoralidade.

Fóra com o perigoso intruso, operarios pelotenses!

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

